

# banqueiros, preparados para a renegociação.

ocupados com as condições da negociação da nossa dívida, para evitar problemas sociais, mais recessão e retrocessos na abertura.

O ESTADO DE S. PAULO — QU  
**NOSSOS**  
 Mas eles estão pre

Os banqueiros brasileiros estão preparados para a renegociação da dívida externa do País e preocupados com as condições dessa negociação que, para eles, deve considerar a tolerância do tecido social brasileiro, a saúde do parque produtivo do País e o fortalecimento da liberalização política. Esta é a visão do vice-presidente do Unibanco, **Marcílio Marques Moreira** (foto), que vem mantendo freqüentes contatos sobre o assunto com representantes da comunidade financeira internacional, no Brasil e no Exterior.

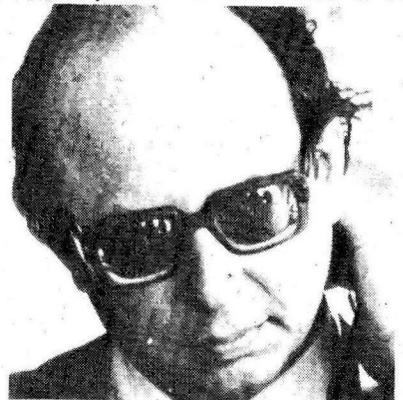
Marcílio Marques Moreira, que participou de renegociação da dívida externa brasileira durante o governo do presidente João Goulart, acrescentou que essa renegociação deve basear-se "em um programa econômico coerente, que conte com o respaldo social, inclusive do Congresso Nacional".

Para o dirigente do Unibanco, a mesma visão de consenso deve ser aplicada ao debate do Decreto-Lei 2.045, que fixa em 80% do INPC os reajustes semestrais de salários para todas as faixas. "O debate do problema salarial tem de passar pelo reconhecimento de que a distribuição de sacrifícios será equânime e não vai recair sobre apenas um setor da sociedade", disse.

Marques Moreira considerou "razoáveis" as condições anunciadas pelo ministro da Fazenda, **Ernane Galvêas**, para a renegociação do principal da dívida externa — três anos de carência e oito anos de prazo, além da obtenção de novos recursos para o pagamento de juros. "Parece-me razoável uma carência de três a quatro anos e prazo de oito a dez anos", afirmou.

**Superávit**

O banqueiro também comentou as afirmações do deputado **Pratini de Moraes** (PDS-RS), no sentido de que o País não se deve preocupar exageradamente com a realização de superávits comerciais, especialmente quando isso é conseguido através de uma grande com-



pressão das importações. "É possível e necessária uma articulação entre a política financeira e comercial com base num trunfo que até agora não utilizamos: o de que, embora não sejamos um grande exportador, podemos ser o maior mercado comprador", afirmou. Para ele, procurar o aumento das ex-

portações brasileiras é muito importante, "mas há limites de tolerância para a compressão das importações, inclusive da importação de capitais". Segundo Marques Moreira, as restrições à importação de capitais tolhem a capacidade brasileira de investir e é fundamental que o País preserve o seu crédito externo futuro. "Vamos voltar a crescer, e o crédito externo será uma alavanca importante neste sentido, juntamente com a recuperação da capacidade de investir e da poupança interna", disse.

O diretor do Unibanco destacou ainda que o processo de negociação com a comunidade financeira internacional deverá contar com "vários interlocutores do lado brasileiro, representando diversos segmentos, até mesmo o **Itamaraty**, com uma abordagem séria e coerente de pontos, como a inflação e o balanço de pagamentos, com respaldo social".